



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.

DIRECTOR—MARCELLINO MESQVITA

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redacção e Administração T. da Boa-Hora, 39, 1.º Composição e Impressão Lithographia Artistica, Rua do Almada, 22

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 numeros)	13500 reis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros)	14000 reis
Brazil Anno (52 numeros)	23500 reis	Semestre (26 numeros)	4500 reis
Cobrança pelo correio	1100 reis		

Toda a correspondencia dirigida à Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39-1.º



JOSEPH GRINO

A COMEDIA PORTUGUEZA



E' preciso accentuar, clara e frizantemente, que este jornal — *A Comedia Portuguesa* — não é um jornal de graça, nem é um jornal d'arte. E', como claramente o diz o seu pequeno artigo d'abertura, um jornal de critica.

Não se propõe a ser um jornal gracioso, por indole, de modo a ter a responsabilidade semanal de fazer escancarar a bôcca a um paiz, em gargalhadas rijas. Pode ter a uma ou outra vez: se a não tiver nunca, nada isso nos preocupa. Conhecemos uma graça que se faz, em clichés, coisa de sobreposse; mas essa causa nos uma tristeza funda, que não seremos os unicos a sentir, e por isso não usaremos d'ella. O nosso empenho é ter... razão.

Não é um jornal d'arte, nem nos parece que ninguem possa exigil o, em Portugal, vendendo se por quinze réis!

Por isso não é impresso em papel de linho: nem col laboram n'elle os grandes caricaturistas das cinco partes do mundo.

Não foi annunciado pomposamente, nem arautos nem charamellas o precederam; chegou á fileira, tirou o seu chapéu e disse: posso entrar? deram-lhe logar, entrou; ja agora não-de lhe dar licença para seguir, na fila.

CASOS

A morte inesperada de Joseph Greno veio abater, de chofre, os restos d'uns juizos maliciosos, que ainda ha poucos dias uma noticia escandalosa fizera avivar no sentimento de favoritismos inconfessaveis. Morta em plena loucura, a grande artista teve a felicidade de morrer e sahir assim d'aquelle carcere ardente da dor, em que porventura se sentiria ainda preza, em momentos de lucidez: a dor mais horrivel, a que pôde sentir um coração rasgado pelos ciumes e cauterizado pelo remorse!

Era uma louca; ninguem o duvida hoje. No entanto quando os medicos o affirmaram a maior parte da gente lusa, sorria. E' que inda hoje a profissão do medico, a mais bella, a mais útil, a mais espinhosa, a que tem nos seus annaes heroísmos epicos, que tem santos, que tem profetas que arranca dia a dia em trabalhos insanos, á materia bruta, os segredos da Vida, tem o triste condão de provocar além da laracha grosseira dos ignorantes, o despeito vilissimo dos entendidos.

Por sobre a cabeça de cada medico ha sempre suspensa a velha seringa de latão, das farças de Molière.

E' da tradição a charota á Medicina. Contam se sempre os casos em que os medicos falharam, — e em que doentes abandonados se salvaram por esfregarem o... lombo, com a pomada d'umas velhas que moram á Graça, ou com um oleo que um sujeito muito modesto vende, em segredo, alli para a Boa Morte, sem que se saiba como é que elle o extrah, nem de onde.

Imagine se.

Esta especie de imbecillidade é valgar, até nas altas camadas. Que o diga o grande exito do sapateiro Kune, com o seu methodo maravilhoso: methodo que se resumia para todas as doenças em pôr cada um, de molho, a metade do nome do famoso medico!

A uma vaidade assim illustrada pôde permittir-se a laracha; o que se não pôde porém permittir é a offensa. A um documento scientifico, assignado por homens cuja vida não consta que tenha sido passada no Limoeiro, ninguem, de boa fé, pôde recusar o credito a que tem direito, absolutamente.

O que vale é que se todos os homens dignos teem, na consciencia, o desprezo, efficaç antidoto das injurias imbecillitas, esta consciencia deve poder comparar-se, nos corpos dos medicos, á arnica com que se curam os coiros.

A loucura é uma mistificação. Em crença de muitos povos de ainda hoje, sente-a a gente quando pensa que jamais n'aquelle cerebro enfermo, germinarão consciencias, as flores doentias do mal. E este o ponto de contacto entre um cerebro de creança e o cerebro de um doido. Creanças, artistas, doidos é tudo o mesmo.

Por isso confrage-se o coração ao ler que apenas cinco senhoras, um padre e um acolito acompanharam á cova a genial pintora. Nem collegas, nem amigos, mais ninguem. O crime poude oppôr se, prohibir a manifestação de dó e de máguá que todos, — ainda os mais humildes — teem na morte: a hypocrisia social pede a abstenção; mas o que ella não poderá nunca prohibir é a admiração futura pela obra do suicida, e a comprehensão de que não podia ser má, normalmente, uma creatura que assim entendia a natureza, os seus fructos e as suas flores. A obra d'um verdadeiro artista é a sua alma. Porque a deixaram ir tão só

Annuncia-se que teem chegado ao estrangeiro noticias graves sobre provaveis movimentos revolucionarios em Portugal. Fica-se pasmado e um tanto receioso de que alguém pense n'este lódo ministerial em se revolucionar, tanto mais que imaginavamos que para serem collocados n'este paiz, só faltam... alguns postos para os fios da tracção electrica. Como porém tudo pôde ser, a curiosidade levou nos a indagar, a sondar as camadas inferiores... e francamente nada encontrámos de anormal. A mesma miseria, a mesma pobreza, o mesmo viver imundo, em cazas fetidas... mas a respeito de revolução, nada. Não vem d'aqui o crime. Conversámos com os fidalgos nosos conhecidos; ouvimos as conversas em S. Carlos... as mesmas parvoices criticas, farrapis de caçadas, coisas de cavallos... mas lá a respeito de revolução, nem sombras!

Não ha fumo sem fogo... os jornaes que o disseram é que os correspondentes o telegrapharam...

De repente um jornal medico revela-nos que um grande numero de doenças agudas, um grandissimo numero, gripes, influenzas, febres de todas as qualidades, meningites, et cetera, que tem atocado nobres e plebeus, ministros e guardas nocturnos e percebamos, cahimos em nós!

Doenças agudas, inflammaticas, pe-tem revulsivos: a cidade inteira está sob este regimen: a revolução pois de que faltam os correspondentes existe: é uma revolução intestinal!

D'isso ainda o nosso paiz é capaz: mas só d'isso! ainda bem, porque não é perigo, para as acalmar, derramar sangue, basta tomar bismutho.



O príncipe Augusto, neto de D. Pedro II do Brazil, propõe ao governo brasileiro vender-lhe a coroa por um milhão de libras. Custa a comprehender como um príncipe possa vender uma coroa de rei, no caso de a ter; mas o que de modo algum se não percebe, é que ainda um príncipe venha a uma coroa que não tem. E, ainda menos comprehensível é que o governo do Brazil tenha passado longos séculos a discutir se deve ou não comprar uma coroa que não existe. Que trapalhada. Lembra aquella anedocta do homem que se gabava ao estalajadeiro de que o cheiro da linguça, que salta da cozinha, lhe fora o conducto do pão?

— Comeu melhor?

— Muito melhor.

— Então tem de pagar o cheiro.

Recusa do homem, questão, caza do regedor.

Exposto o caso, este manla ao homem que pague.

— Então hei de pagar o que não comi?

— Já se ve. Quanto é?

— Cem réis.

— Porque.

O homem tira o tostão do bolso e dá-o ao regedor que finge entregal-o ao dono da locanda.

— Aqui tem... espere, deixe vêr se é falso. E bate com elle sobre o balcão.

— E' bom. é bom, confirma o estalajadeiro de mão eslendida.

— E' bom? Você ouviu bem?

— Uuvi, sim senhor.

— Então, está pago.

— Pago?

— Fique-se você com o tinir do dinheiro, como este se fica com o cheiro da linguça.

O governo brasileiro pôde pagar a sombra d'esta coroa, com o tinir do milhão

Como se abdica hoje dos direitos da realza!

Ha fidalgos portuguezes que tem vendido para musens e particulaes asé as espaldas dos seus maiores. Uma coroa nunca se tinha visto: porque domais chega-se a esta anomalia impercebível em Portugal: como ha de um paiz pretendente a meias corôas — vide a arcada — comprehender que um pretendente que tem uma inteira, á venda!

Depois as corôas não são coisas que se vendam. Fazem parte da nossa vida, da nossa alma, de nós proprios.

Vende-se um quadro Anne, uma egua velha, uma espingarda antiga, o anel de familia, tudo menos a coroa.

Meu príncipe, eu tenho um ponto de contacto com Vassp Alteza: tenho tambem uma coroa! Verdadeira, real, tão grande que não a posso pôr na cabeça, mas a valer. E' de folhas de loirs e de bagas doiradas.

E' uma coroa de gloria! Deram-m'a um dia, ou uma noite, depois de me darem, antes, muita descompostura.

Nas agoas da bohemia dos saudosos tempos de estudante, o rapido desaparecer da mezadas, tantas vezes me forçou a vendas dolorosas. Houve porém uma coisa que eu nunca vendi, nunca pude vender: a coroa! Nunca pude, meu príncipe, porque nunca me deram nada por ella!

D'ahi conclui que uma coroa nunca se deve vender... seja V. Alteza o meu exemplo.

FEMINISMO

De vez em quando agita-se esta questão.

Na cidade de A. ha um congresso. Na cidade de B. ha um concilio. São as mulheres que pugnam pelos seus direitos: as escravas que sacodem as algemas da escravidão. E os jornaes applaudem e tem phrazes de incitação, suggerem energias, acossellam processos a seguir para libertar da tyrannia humana o sexo perseguido.

Não ha nada mais ridiculo.

Tudo o que seja affastar a mulher do seu fim natural, é uma imbecillidade. Cada orgão, cada individuo, tem na vida collectiva da raça uma funcção propria, adequada. Quanto mais differenciada, mais livre será, mais individual, mais perfeita. A maternidade occupa uma vida inteira, a vida em que ha força e energia, e já hoje não chega. Ser digna mãe, educadora e dona de caza é trabalho para todo um dia. Toda a gente que teve mãe viu isto. Do levantar ao deitar, do banho da manhã ao padre nosso do berço, que né cuidados, de arranjos, de ensinamentos, no passeio, na lieção, á meza, no convívio de estranhos, analizando um caracter, affeiçãoço o, corrigindo.

Educar um filho leva todo o dia e a mãe moderna o que quer? sair do lar.

A mulher que não é mãe é um orgão morto na harmonia da vida; um trencó d'arvore que seccou, coisa inutil a descambar no grotesco.

O que é preciso pois, é prégar a maternidade, e levantar a familia de modo a crear homens.

O homem eis o inimigo. Elle é o orgulho, a presumpção, o pedantismo, a vaidade. Elle o culpado, elle o criminoso. Ponde n'um lar o levita de tunica limpa e em lar é um templo. Mulher alguma, a não ser doida ou bebeda, poderá aspirar a mais, sobre a terra, do que ao amor respeitoso de um bom marido e á adoração de filhos bons. Estes amôres torna-a-hão uma divindade, sem que seja preciso tomar capello, votar, advogar e outras gentilezas que a civilização assentou nos hombros do sexo cabelludo. Não é assim?

Ha uma nota curiosa, de facil observação, quando as illustrações publicam os retratos das congressistas. São todas feias; usam em geral oculos, casacos e chapens a arremedar os nossos, collariños altos, punhos lisos, uma ou outra acensando buços reveladôres. Dão a impressão de hermaphraditas.

Ora peguem n.uma d'estas damas, que reivindicam coisa, e digam lhe: vou fazer-te nova e bonita, favorita de um príncipe ou de um Gould, bella, amada sobre todas, como Anna Bolena, a Valieré, Maria Padilha, Leonor Telles... Supponde por um momento esta possibilidade; alguém acredita que o estafermo régeita? que continua a roer as uohas e a revindicar? Ninguém. O atungel é a explosão d'um despeito, d'uma inveja, d'um ciume. Revindicar o quê, se podeis ser tudo, mais de que nós, como o sois tantas vezes? Revindicar a belleza? illustres hermeiphoditas, não está na alçada é o poder dal a: á nossa misera força, só permittido, e nem sempre com facilidade, aplicar... os coletes de forças.



Por esses salões



Ella: Eide ha tanta mulher. . . : D onde vem, sr. Freitas, essa sympathia que diz ter, por mim?
Elle: Porque a alma de V. Ex. é como uma ave azul na gaiola do seu corpo de ouro! E que ouro!

Sob este lindo céu de Lisboa, almasso, azul. . . pautado!



Elle — Se a gente apanhasse isto lá em Loures...
Ella — Isto que?
Elle — Esta filhada. Olha que dava um estendal... pr'á roupa lavada.
Ella — E onde é que elles haviam de estender cá a roupa suja?
Nós — O homem não le os jornaes.



Um popular: — Que partido é este? A bandeira diz: partido... no cio... e na lista?
Um outro: — E' com'os outros. Um partido de cama e mesa.

Perfis contemporaneos



Meningite

F. Aftosa

Doença do Somno

Figurinos oferecidos aos estudantes da Escola Medica para figurarem na sua procissão carnavalesca.
De graça.

Arte Nova

Attente! n'um cartaz entre outros mais,
E vi, cheio de espanto desmarcado,
O tit'lo d'uma peça annunciado:
Filhos (que horror!) *artificiaes*.

Disse:—*Arte nova*, caminhando vaes
Com atrevido passo agigantado!...
O *systema*, por seculos usado,
Dá em vaza barris entre os mortaes!...

Que venha o novo—e que se estude bem;
Dê-nos o proprio author sábia lição
Para passar da Taprobana além.

Mas (faço aqui pequena reflexão:)
Em quanto algum *Tratado* á luz não vem
Valha a receita do *papá* Adão.

IGNACIO DE ARAUJO.

RIBATEJANAS

Cantigas

Anda perdido, na serra
Um par de moita valia:
O amôr que eu tive na terra
E atraz, a minha alegria.

O amôr é como as creanças
Posto de longe esmorece.
Eu gosto mais da saudade
Quanto mais longe mais cresce.

Não ha ninguém n'este mundo
Mais infeliz do que eu:
Nasce do amor, a ventura
Com elle, a minha morreu.

POLITICA DE CHIQUEIRO



QUASI NA CONTA PARA A FACCA.

Maxima.

Ha, nas afflicções, diversas especies de hypocrisia. Numa, sob pretexto de chorar a perda d'uma pessoa querida, choramos nos a nós proprios: a diminuição do nosso bem, do nosso prazer ou da nossa consideração, e ainda a boa opinião de que eramos alvo.

Assim os mortos só leem as lagrimas que correm para os vivos. Eu digo que é uma especie de hypocrisia por que n'estas afflicções, todos se enganam a si proprios.

Ha uma outra hypocrisia que não é tão innocente porque se impõe a todo mundo: é a aspiração d'essas pessoas que aspiram á gloria d'uma bella e immortal dor. Depois do tempo, que tudo apaga — a fazer curar, não deixam de teimar nas mesmas lagrimas e suspiros. Ficariam se n'um personagem lugubre e só pensam em consolar os outros de que o seu desgosto só passará com o morte. Esta vaidade triste e fatigante encontra-se geralmente nas mulheres ambiciosas. Como a seu sexo lie, difficil e fecha em geral os caminhos que levam á gloria esforçam-se por se tornarem celebres pela exhibição d'uma dor interminavel.

Ha ainda outra especie de lagrimas que tem origens mais modestas e estancam mais facilmente: chora-se para se ter a reputação de ser terno; para se ser lamentado; para se chorar, por sua vez, chorado; e, enfim, para evitar a vergonha de não chorar.

L. B.



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.
DIRECTOR—MARCELLINO MESQVITA





Ha quasi vinte annos, a subscrição aberta a favôr do monumento de Almeida Garrett, subiu, em tres dias, á fabulosa quantia de cincoenta e um mil e quinhentos réis e... parou! Portugal continuava a pagar os serviços dos seus maiores homens de letras com uma ingratitude tradicional, que os levava d'antes aos hospitaes e que ainda hoje os faz antever como extravagancia censuravel a permissão d'um jantar semanal... nas cosinhas economicas!

Garrett era um nome esquecido. Era velho, academico, sabia latim, grêgo, citava frases eruditas... estava fóra da móda. A geração dos seus admiradores passára. O mais que se sabia é que tinha sido um *dandy*, e anedotas correlativas a esse dandismo, no parlamento e nas salas.

Ninguém recitava os seus versos. Reinava «O noivado do Sepulchro» e a «Judia».

O grande homem de letras, o bravo soldado, o politico consumado, o temido orador, o poeta extraordinario, o dramaturgo imminente, só vivia na memoria da pleiade que o admirára vivo e que o venerava, saudosamente, morto.

O paiz, esse dava para a sua estatua a estonteante quantia de cincoenta e tantos mil réis.



Mas, hoje, renasce. Uma sociedade de homens de letras, pede que o seus restos venerandos occupem o lugar devido no pantheon nacional, que se lhe erga, enfim, a estatua que se lhe deve; funda com seu nome uma sociedade de incitamento e protecção litteraria, propagadora da sua obra monumental.

Tudo o que é grande, revive fatalmente. Não ha tempo, nem eras, nem força que lhe possa entrar a resurreição. Para qué estes combates miserimos de dia a dia? Para qué esta pretensão de derrocar trabalhos, de aniquilar esforços, de deturpar valores, de amesquinhar a obra d'alguem? De que serve e para que serve tudo isso? Amanhã a vassoura do tempo, o unico juiz que nunca deixou de ser integerrimo, arrastará para os esgotos tudo o que foi sem valor, artificial, calculado, desonesto.

O que valer ficará: deixae passar o tempo.

Esta é uma semana de poetas, esta de Fevereiro. Garrett nasce no dia quatro: Thomaz Ribeiro morre no dia seis. Outro que parece que já passou tambem. O da «Judia»? Pieguices, poesias de meninas chlorotico-romanticas... Quem falla n'ellê com o respeito e o amor que se lhe deve, entre a multidão dos nossos litteratos e poetas? Bem poucos; e todavia é, depois de Garrett, o poeta mais genuinamente portuguez; sincero, cantando por que nasceu poeta, adorando a sua terra, enaivecendo-se com a sua historia, tendo ao seu dispôr uma linguagem facil, plastica e harmoniosa.

Não esquecerá e crescerá nos annos. Garante-lhe a vida a sinceridade da sua obra, o ter sido um artista, o que quer dizer que a viveu.

No primeiro anniversario da sua morte apenas alguns amigos convidaram o povo a ir ouvir uma missa pela sua alma, na egreja de S. José. Falla a piedade catholica, um dia fallará a piedade civica. E fallará tanto mais alto quanto se for conhecendo que na legião dos velhos portuguezes, que morreram, amando a sua patria, orgulhosos d'ella, elle foi um d'elles.

Por que esta qualidade ameaça cahir no dominio das lendas.

Se os grandes homens de qualquer mister precisam de estatuas, Thomaz Ribeiro merece-a. Mas eu quizera que ella fosse levantada, para cada um, na terra em que nasceu. As pequenas aldeias teriam, uma ou outra, no seu adro, esse padrão de gloria, como uma joia de familia, um documento da sua grandeza moral.

Esta minha ideia tem uma contra. A capital protestará talvez e com uma certa razão. Os seus *squares*, as suas praças alegres, só poderiam ostentar, de futuro, as esculpturas monumentaes d'um Gaspar da Viola, ou d'um Rei da Madureza.



GARRETT

—Poeta— elle foi rei. Direitos de conquista quem foi que teve mais? Reinou como Senhor; teve a eloquencia, o mando, a inspiração e—artista—de plectro foi, de si, das multidões, do amor.

Para ella a natureza era a materis informis, a belleza sem alma, ephemera, indécia; a arte,—o fogo do ceo que agita o que ali dorme, o accorda, o retempera, o anima e o eterniza.

Mais que Pigmaleão que olhava a fria estatua, choroso de ver mudo e cego o seu portento, onnimodo creador,—de bloco ou sembra fatua, elle era o artista, e o Deus que lhe insufflava o alento.

Dizem que no cemiterio entre saudades corre não sei que triste afan de ti, posteridade! —preterito—e porvir—são phases de quem morre! não tem noite ou manhã nem março—a eternidade.

Garrett nasceu para ella e a'ellis, por conquista e por affecto, arguen seu throno de senhor: se—poeta—sedes, deslumbra como artista que de plectro o é, de si, das multidões, do amor.



Mascaras de todo o anno

Por esses salões



Elle: Até quando?

Ella: Até...

Elle: Quinta feira?

Ella: ...Sim... mas... já tem bulla?

A COMEDIA PORTUGUEZA

QUEM VÊ CARAS...



O 4.º — Olha que já nos maton... aquelle
A 2.ª — Aquelle, quem?
O 3.º — O Emygdio... alli da esquina.
A 2.ª — Agora já estamos matriculadas!



GARRETT

Todo aquelle que pela sua influencia immediata conseguiu modificar no sentido progressivo as fórmulas da *actividade*, da *affectividade*, ou da *intellectualidade* humana, embora circumscripto a um determinado meio social, esse merece a classificação devida aos grandes homens. Almeida Garret, vivendo em uma terrível época de transição do Regimen absoluto para o das Cartas constitucionaes em que os principios de organização catholico-feudal foram substituidos pelos argumentos dos ideologos, que pelas ficções do parlamentarismo tentaram conciliar o passado com a Revolução, esse espirito envolvido com todos os outros seus contemporaneos na anarchia das idéas, dos interesses e da politica, concentrou toda a sua vida moral no sentimento; modificou-se na idealisação artistica, e achou-se pelas creações da poesia exercendo uma acção positiva na transformação da sociedade portugueza na primeira metade do seculo XIX. E' este o seu titulo á veneração.

Emquanto as novas instituições politicas se tornavam uma pedantocracia incoherente, sujeita a successivos e continuos abalos, em que os caracteres se dissolviam pela degradação ou pela impotencia moral, e em que o passado reaparecia ora na forma affrontosa do poder pessoal, ora na tentativa de retrogradação clerical, Garret sentiu que no meio d'esse vórtice que decepava todas as energias, que devorava as mais preponderantes individualidades, a unica força que o salvaguardava era a do sentimento nacional, a que procurou dar expressão e universalidade na litteratura. Todos os corypheus do constitucionalismo em Portugal succumbiram exhaustos ou desalentados, como Mousinho da Silveira, como Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Passos Manoel, Alexandre Herculano; a obra dos politicos foi falsificada pelas camarilhas, e á falta de uma idéa que desse ascendente moral aos homens como base da auctoridade, esta impoz-se pela força bruta dos espadões ou das intervenções armadas do estrangeiro, pedidas pela dynastia.

Garrett, exercendo durante este longo periodo de agitação sem plano, uma serena actividade artistica, supriu pelas creações ideaes a falta de principios na sociedade portugueza; os themes tradicionaes que elle soube escolher com tanta oportunidade na evolução historica da nacionalidade foram um estimulo sympathico de convergencia para todos aquelles a quem as paixões politicas e as luctas de interesses desvaivavam. E' por isso que á medida que o tempo decorre sobre esta grande vida, o homem que soffreu os desastres da politica, as emigrações forçadas, os carcereos, os assedios, e posteriormente as honras, os altos cargos officiaes e os prestígio do poder ministerial, de tudo isso que se esvae diante de uma cova ficou apenas o artista, que exerceu uma acção de concordia, e cuja influencia persistirá por muito tempo.

Ligado ás tempestades sociaes de meio seculo, ora abatido, ora alevantado por ellas, Garrett nunca pôde esquecer o homem de letras; por esta coherencia da sua vida affectiva é que elle possuiu o dom de dar vida ao sentimento nacional, de lhe dar convergencia e de crear

a fórmula nova de uma litteratura em um povo quasi que posto fóra da corrente da civilisação. Glorificando o grande artista, seguimos o pensamento de Comte; que em um tempo em que não existem ainda verdadeiros principios, todas as individualidades que exercem um poder de qualquer ordem, sobretudo o ascendente moral, devem ser acatadas como condição do advento evolutivo de uma nova synthese social. Garrett teve a intuição d'este principio quando elle proprio cultivava a sua reputação litteraria, chamando para a pessoa os encomios que tinham de reflectir na sua obra. Este pequeno de feito revela-nos que tendo a plena consciencia do pensamento que proseguia, não tinha comtudo a certeza da efficacia do trabalho que dependia das emoções dos outros.

Todos os dados biographicos de Garrett, todas as datas memoraveis da sua vida não são mais do que o commentario luminoso da sua actividade litteraria. Nenhum livro seu, poema, drama ou romance poderá ser bem comprehendido sem a correlação do meio historico, politico e moral, quer da situação geral europeia, quer da sociedade portugueza onde elle foi o iniciador das fórmulas do sentimento moderno.

THEOPHILO BRAGA.



O carnaval bate á porta



GAZETILHA

E' tempo de Carnaval.
E toda a gente imagina
Que se mascara, de frade,
De saloio, ou de varina.

E, toda a gente que vê
Este, aquelle, disfarçado,
Diz como coisa segura:
E' fulano, mascarado.

E' um engano perfeito.
Porque o homem animal,
Só é senhór de si proprio,
Nos dias de Carnaval:

Então o instincto profundo
Do seu corpo, do seu ser,
Que anda nos dias do anno
Sem poder apparecer.

Agrilhoado aos deveres
Da vida e civilidade,
Salta fora da gaiola
E invade toda a cidade.

O conselheiro fulano,
De gallego, em salcifrê...?
E' que fundamentalmente
Um gallego é que elle é.

O Luizinho, de noiva,
Com um ar tão bonitinho?
Já se percebe que ha erro
Nos fatos do Luizinho,

Assim successivamente
Se pode ver, actual.
Que todos se desmascaram
Nos dias de Carnaval,

N. T.



— Padre Ignacio, consta-me que faz sermões por dez tostões e os prega. E' verdade?

— E' verdade.

— Previno-o de que não pode continuar. E' desprestigiar o pulpito e a religião. Isso não é preço...

— Vossa Reverencia já ouviu algum?

— Não.

— Ah! está porque os acha baratos. Se ouvisse, algum não dava por elle doze vintens.



Faltaríamos ao mais sagrado dos deveres se não viessemos agradecer — enquanto o não fazemos pessoalmente — a gentileza com que a maior parte dos nossos collegas do jornalismo, houve por bem não noticiar o nosso apparecimento. Apenas dois ou tres collegas, o maximo, se dignaram fazer notar a nossa chegada e agradecer a offerta.

O nosso agradecimento é tanto mais intimo quanto a recepção é mais nobre: porque sabido é que se a palavra é de prata o silencio é de ouro.

Uma recepção de oiro em Portugal, n'estes tempos que correm, é o cumulo da galanteria.

Reagradecemos.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS

Editor	Redação e Administração	Composição e impressão
<i>Antonio da Fonseca e Sousa</i>	<i>T. da Boa Hora, 39, 1.</i>	<i>Lithographia Artistica</i>
		<i>Rua do Alameda, 52</i>

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO AVANÇADO)

<i>Estrangeira</i> Anno 52 numeros	13500 reis	<i>Lisboa, provincia e Africa Portuguesa</i>	
<i>brasil</i> Anno 52 numeros	25500 reis	Anno 52 numeros	18000 reis
<i>Cobrança pelo correio</i>	4100 reis	Semestre (26 numeros)	6500 reis

Toda a correspondência dirigida à Redação e Administração deve ser enviada para a *Travessa da Boa-Hora, 39-1.*





REVISTA SEMANAL de Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.
DIRECTOR—MARCELLINO MESQVITA
PUBLICA-SE AS TERÇAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redacção e Administração T. da Boa-Hora, 39, 1.^o Composição e impressão Lithographia Artistica, Rua do Almada, 32

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)
Estrangeiro Anno (52 numeros) . . . 15500 réis Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros) 15000 réis
Brasil Anno (52 numeros) 25500 réis Semestre (26 numeros) 5500 réis
Cobrança pelo correio 4100 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39-1.^o



REFUGIUM

REFUGIUM

Mãe do pobre, do vil, do que nasceu mesquinho,
Do triste, do aleijado, do leproso sem lar;
Do que morre chagoso á beira do caminho,
Do que anda eternamente sobre as aguas do mar:

Do que na terra, só, não tem eira nem beira,
Filho da herva triste e d'um amor sem norte,
Nem sombra de favor, nem ramo de figueira,
Nem padre que lhe dê a extrema unção na morte :

Mãe dos rôtos, dos nús, dos que vão sem mortalha,
Ao fim dos torrões, á ultima morada,
Onde trabalha o verme e a podridão trabalha :

Em tão divino amor, est'alma allucinada
Acolhe doce mãe e arranca-a da batalha,
Pura como tu és e branca e immaculada.



EM PASSEIO

Como o «Rapido», sentisse a ultima golfada de vapor na gaveta distribuidora, o monstro, fulto de vida, diminuiu, lentamente, a marcha e eu achei-me no campo. Parara n'aquella linha do Ribatejo em que a Lezíria se espraia em kilometros de planície, verdejante, agora, de cevadas e trigos, de um lado; e do outro a linha irregular dos montes se atapeta de pampanca, se embrulha no manto das charnecas verde-negras, picadas aqui e ali pelas flores amarellas do tójo, e alegradas pelos tufos da urze florida, em inflorescencias, que lembram ao longe, palmitos de pequeninos cravos.

O ar era puro, frio, limpo; o norte rijo, Abri a bôcca, amplamente, sem aquelle receio, que nos impede de respirar na fetida Lisboa, e como se um banho intimo de saúde inundasse o meu corpo — que o mesmo é que dizer a minh'alma — atirei a capa para o hombro e investi com a estrada serpentina que sobe ladeando os cazaes, e se escolhe ao longe, por traz dos soutos de carvalheiros da quinta que foi de Egas Moniz e que é hoje de Manuel Mendes Enxundia.



Eu tenho, porém, pela lezíria uma adoração que me vem desde creança. As côrtes sem fim, as estradas de freixos e vimeiros seculares, a fita do rio e a vela latina do saveiro, o campino montado no cavallo magrizzella e pelludo, de barrete verde e vara ao alto a rasgar o céu, as manchas negras dos toiros deslocando-se, pendidas, nos taludes das valas, ou no tapete esverdeado das chãs, evocam em mim as primeiras impressões poeticas da minha vida.

Quantas vezes, á busca das codornizes, este mundo original e pittoresco me fazia esquecer-as, e a noite me surpreheudia sentado debaixo d'um salgueiro, o olhar perdido no espaço, o pensamento levado nos sonhos.

E deitando um ultimo olhar demorado para os campos, notei que havia enormes cearas de favas. Temos grandes favas este anno e ajuda bem para consolo das cavalgadas. E, não sei porquê, a este pensamento, succedeu a visão politica dos nossos grandes homens publicos, e comeci a ouvir chamar na camara dos deputados, os illustres ditos, um a um, para uma votação qualquer. Diga o leitor, se ha nada mais caprichoso do que o pensamento d'um homem, tonificado pelo ar agreste dos montes. Que relação ha agora, entre favas, bestas e paes da patria? Nenhuma. E, todavia, houve no meu espirito esta associação criminosa de ideias de tal modo clara, que té me pareceu, de subito que o guizalhar d'uns cabrestos, era a campanha da camara chamando-á ordem, e que o zurrar d'um burro, na encosta, era um eleito que orava! Allucinações!



E, seguindo nela estrada, os cazaleiros desciam aos porções rusticos, desconfiados, na esperauça de que o meu chapéu molle de abas largas, cobrisse um comprador de vinhos.

- Ah! é o senhor?
- Quem pensavas que fosse?
- Alguem comprador, de Lisboa.
- Então o vinho?...

— Inda tenho toço o do anno passado. Ha por aqui muita fome, já, este anno. O sr. que vem de Lisboa, o que sabe de novo? Dizem que o governo vae tratar de remediar tudo isto. E' verdade?

- E'. Já reformou o Conservatorio.
- Que diabo é isso?
- E' uma caza onde se canta e dança.
- Então é com cantigas...

— Pois então? Com que tens tu sido explorado toda a vida e has-de ser, senão com cantigas? Pensas que esses senhores, se dão ao incommodo de pensar em ti, besta, e em teus filhos? Senhores tão grandes, tão cheios de commendas e habitos — e que habitos! —; tão elogiados nos jornaes, tão aclamados por outros senhores não menos grandes, nem menos subidos em honras, pensas tu que podiam perder os trabalhos dos seus ricos cerebros com a tua vida miseravel, com o bem estar dos teus filhos, semi nús, de camizas pelos joelhos, sujas, barrigas dilatadas, como aboberas, pelo pão de milho grosseiro?

O teu vinho bebe-o, dá-o, deita-o á valla, afoga-te n'elle.

Que tal está o parvo? E a grande questão do Oriente? E o imperio colonial? E a dívida externa? E a eleição de Lava Rabos? E o Adamastor João Frauco? E's tu que vaes resolver estes problemas, que fazem tremer a Europa e formigar a Arcada?

O homem quedou-se pasmaado... sem comprehender.

Tinha na face uma tristeza bestial, expressão d'uma dôr enternecedôra. Ia a dizer-lhe umas palavras de confiança e de alento, quando do alto da fadira uma garga lhada cristalina, desceu em ondas-vibrantes.

E' a minha filha, disse elle.

Desciam conversando, d'eixada ao hombro, uma rapariga e um rapaz.

Dois namorados! Rasgando a cariz do céu, o sol inundou valles e montes, e os pinheiros appareceram nas encostas como umbellas colosaes de esmeraldas, abertas á passagem d'um idyllo pação.

A face do homem illuminou-se alegre e eu... segui alem.



Na sahida do pinhal abre-se a clareira do cazal dos carneiros — habitado por vaccas!. O cazarão velho em attitude sehorial domina o valle uberrimo de Pontével que lhe fica á esquerda; olha na colina opposta o Cartaxo ridente e vê-se branquejar nos limites do horizonte a cupula do zimbório da penitenciaria Santarena e a agulha metalica protectora da torre quadrangular do Seminario.

Dois penitenciarias: a do corpo e a do espirito.

Descendo a encosta sobe do valle o marulhar da agua na azenha, e o seu rom rom monotono torna ainda mais só o valle deserto, manchado pelas relvas tenras, de cujos tapetes aqui e além as amendoeiras se erguem coroaças, como noivas que esperam o esposo.



Eis-me na azenha.

Zé Matheus, á porta, enfarinhado e curioso espantase de me ver chegar, em dia chuvoso, deixando a cidade, onde á sua imaginação taquenba se afigura desenrolarem se scenas das mil e uma noites, pelas avenidas e praças.

Explico-lhe, digo-lhe que não. Que a qualquer espirito delicado o carnaval em Lisboa enoja: pela pobreza; pela miseria occulta que se revella em mascaras e trajos; pela falta de espirito; pela brutalidade dos divertimentos. E, n'este ponto, tive occasião de me referir com o maior elogio ao Governador Civil da cidade, que houve por bem decretar a civilisação do Carnaval, não permitindo senão os divertimentos proprios de paizes educados.

Nas ruas acariciou fatos e olhos a cal purificante e o gesso artistico e todas as coisas brancas, que arremedassem, as espumas dos mares, as rendas das fraldas, os amidos inspidos, o pó d'arroz voluptuoso branqueador e secante, que se usa de inverno entre os peitos e no verão entre as pernas.

Nos theatros, nm bocadinho mais de liberdade, como tambem é d'uso nos paizes cultos. Ahi permittiu-se o arremesso de pasteis, de pudins, de cascas de laranjas, de fundos de cadeiras, de bisnagas metalicas cheias de agua perfumada, de bengalas, com o seu sôcco á mistura. E, assim, todos ficaram encantados com a festa e gratos ao dono da caza, quero dizer ao governador da caza. E, quando elle quiz vêr, o pobre do moleiro, no auge da admiração, o retracto de sua excellencia, por feliz acaso pude mostrar-lb'o.

Admirou-o e o que mais o impressionou foi que sua excellencia tivesse tão formosa cabeça inda que pouco encabellada: o que me forçou a explicar-lhe, ainda, que, nós homens de genio, a effervescencia da chimica central, na elaboração das ideias, dá grandes concepções, produz os grandes rasgos, mas dá cabo dos bulbulos capillares! E é pena!

Com a explicação tinha-lhe fornecido trabalho intelectual para quinze dias. Subi, deitei-me sobre o catre e puz-me a pensar:



O ENTRUDO!

Como se cá por baixo, n'este planeta, desde o romper do sol ao outro romper do sol, não fosse tudo uma mascarada repugnante e reles, o calendario official encarrega-se de nos servir um certo tempo, proprio para cada um ser c que não é, e sem que se suspeite que elle possa ser justamente aquillo que finge não ser.

Com esta facilidade de transformações, com esta brevidade com que se pôde desfigurar o rosto e mudar de casaca, nada mais facil do que ver um sem numero de curiosas mystificações, algumas de uma propriedade assombrosa.

Quando não é entrudo, qualquer sujeito pôde mudar de cara ou voltar a casaca: vê-se por ahi continuamente. Ninguem tem nada a dizer-lhe. Quê? fulano? Um homem distinctissimo, um cavalheiro na acepção lata da palavra...

Que bella ceia! que esplendido baile, o de quinta feira!

- E' um catavento na politica, diz-se...
- Ora, meu amigo, a politica!
- Trahiu cobardemente o seu partido...
- Ora, ora; mas o que fazem todos?
- Diz-se que hontem offendera gravemente X. um homem a quem deve tudo...
- Uma desforra.
- Sim; pois?
- Nada mais natural.

A COMEDIA PORTUGUEZA
O TEMPO SANTO



(Lendo) Tu que es a alegria da minha alma e do meu corpo, meu bom, meu doce José...
(reparando) Então, não disse José por Jesus...

A COMEDIA PORTUGUEZA
SCENAS BURGUEZAS



— Quinze annos ?
— Ainda os não fez.
— E, eu, com setenta !

— Acerca da probidade, ó menino, rosna-se que a sua enorme fortuna não é das mais licitas. Diz-se que foi dos negociantes de pelles, com pretos dentro?

-- O que fizeram todos os que tu por ahí vês e lá foram?

— E' verdade, é.

— E' tudo questão de *savoir faire*. No mundo é tudo o mesmo. Tolo seria se o não fizesse; a vida são dois dias e o que se leva d'ella é o que por cá se goza. Pobre e honrado é muito bonito; más dá pouco proveito.

— Não é verdade que andamos metade a enganar a outra metade? O que for mais fino, é o que se deitará em melhor cama. E depois isto de dignidade, de honra, é questão meramente convencional, positivamente relativa. O que para um é vil, para outro pôde ser sublime e vice-versa.

— E depois Fulano tem para mim todas as atenções, é um perfeito cavalheiro; o seu tracto é extremamente agradável, e a sua convivencia não cheira a cubata, affianço-te. A prova real é a consideração que lhe dispensam. E terá algum alguma coisa que lhe oppór? E' dos mais dignos, até.

— Fallou-se porém n'uma orphã...

— Bem sei, uma pobre rapariga, que gosou em tempo e abandonou depois?

— Fôra o seu tutor, recomendará-l'ha o pai...

— Tentações, meu amigo, fragilidades de que ninguem se liberta... mulheres! o diabol!

— Não é nobre em todo o caso...

— A caridade bem ordenada principia por nós.

— Ella amava-o?

— Não amar um homem com quinhentos contos? Estás doído.

E' assim que a sociedade, commenta e até desculpa os vicios mais torpes e os crimes mais nojentos. Um homem este tal typo de que se falla, encontra-se a cada passo. A sociedade verga ante elle a espinha e respeita o. Mudou mil vezes de cara, voltou centenas d'ellas a casaca, saltou cabriolando por todos os seus principios do dever e da honra, empinou-se no apice da infamia, rojou-se, anamou-se, sob o chicote da critica honesta e digna, com a sua cara estanhada, a bocca dilatada, o cabello em bico no alto da cabeça.

Um truão vil, um palhaço!



DE VOLTA

Entrámos no tempo santo.

Depois d'essa orgia com que sujámos os fraques e as ruas, o meus irmãos, depois d'esse impudico peccar, publico, tolerado, com que manchámos a nossa alma perante o tribunal da eterna justiça; peccar por pensamentos — acariciando na mente as formas provocadoras dos pagens de botina apiorrada, capinha e gôrrro;— peccar por palavras—dirigindo galanteios ás mascaras femininas e commettendo *graciosas* puitas com as senhoras das nossas re-

lações; peccar por obras—ceifando a deshoras n'um gebinete reservado, misturando cinicamente um abraço com uma aza de perdiz e um beijo com um copo de Madeira, o que nos resta?

Dizei-o, vós, ó espiritos que planais nas regiões calmas da graça, no convivio mystico dos padres de S. Luiz e d'outros caridosos pescadores d'almas.

O que nos resta? a penitencia!

De joelhos pois, leitores.



A ultima nota do Carnaval sumiu-se batida pelo badalar dos campanarios. A igreja tem o supremo cuidado de nos andar a incommodar com recommendações e avisos, desde que abrimos os olhos á luz até que os conservamos sem luz e abertos.

Nasce uma creança. A alegria o encanto dos pais. Lava-se; muitos beijos, muitos carinhos, é um encanto.

Diz a parteira: é um anjinho.

O medico: bella creança.

O padre: é um immundo! E' preciso baptisal-o, traz uma maçã na garganta.

Coitadinho! onde é que a pobre creança, sem dentes, podia ter trincado a maçã! Elles lá sabem.

Aos sete annos entra-se no «periodo da razão.»

E' preciso a gymnastica, diz o medico;

E' preciso tratar da alma, diz o padre, e leva-nos á meza eucharistica.

Isto é em tudo. Somos ricos? Diz-nos a igreja que é mais facil metter um camello pelo fundo d'uma agulha do que irmos para o ceu.

Se somos felizes;—bem aventurados os que soffrem; se andamos alegres:—acautelai-vos porque não sabeis o dia nem a hora! Que séca!



Influe-se um pobre homem com o carnaval, gasta o seu dinheiro em dominós, em bisnagas e em gessos; esquece um bocadinho o rastejar da vida e atira-se á folia; cabriola, salta, põe um nariz de papelão pintado e um bigode, veste-se de macaco ou de embaixador chinês, bebe-lhe mais uns golos e chapou ao ar, viva a loucura, a pandega, o delirio e berra e sua o estafa-se e diverte-se...

De subito sóa o bronze e a igreja põe-lhe uma cruz, ou um T de cinza na testa, e exclama-lhe cavernosamente aos ouvidos: lembra-te que és pó e que em pó te has-de tornar! Que espiga!

Mas os fieis ficam muito contentes com o T na testa. E devem ficar porque os que vão á ferra merecem n'ó.

Romance

Nas terras quentes de Orissa,
Se é que a terra lá é quente,
Duas meninas nasceram
Unidas profundamente.

Tinham cabeças diversas,
Nariz, olhos, separados;
Pernas, braços, cada uma
Moviam de ambos os lados.

Como a madre natureza
Não tem vergonha nenhuma:
Deixou-as livres em tudo;
Mas a barriga... só uma.

Como ter o ventre livre
E' de grande utilidade:
Dogen resolve pôr cobro
A'quella fatalidade.

Sacca a thesoira afiada,
E, com trinta mil cuidados,
Separa os corpos que ficam.
De um só, em dois separados.

Parece que a Providencia,
Que tambem nos faz das snas,
Permittê que estando scellas
Se salvem ambas as duas.

II

Agora o mais curioso,
E' que, entre nós, ha uns mezes,
Appareçeram dois gêmeos;
Mas dois gêmeos portuguezes.

Ligados pela barriga,
Nunca se viu caso igual,
Cresceu-lhes depois d'adultos
O cordão umbilical.

E pegou, ao que parece,
Tão unidinho, tão um.
Que sendo livres em tudo
Só a barriga é commum!

Não são formosas creanças,
De formas adolescentes;
Mas dois diabos feissimos,
Os nossos dois presidentes.

Deixou, n'um bello momento,
Em união doce e terna,
Este abôrto, o ventre pôdre
Da politica hodierna.

E, rindo, cynicamente
Como se fôsem só um:
Vão digerindo o paiz
N'uma barriga commum:

E' que no estomago enorme,
Terrivel como os castigos,
As rugas chamão-se fomes
Os succos chamam-se: amigos!

Tumultnado o paiz
Com o caso atterador,
Lança o pregão: venha um medico,
Habil, fino, operadôr.

E, dizem, que anda a estudar
A custosa operação
Um rapaz de muita fama
Lá das bandas do Fundão...

Quanto a mim deve ser feita
De tal modo, que ao depois
Quando fôr o tratamento
Leve o diabo ambos'dois.

N. T.



Um rifão que deu em droga

Desmandou-se em galopes o Progresso:
Temos tracção electrica, ascensores,
E velocipedistas corredores
Que não querem na rua achar tropêço.

Meninos, sem de buço ter começo,
Da Praça do Commercio estão senhores,
Atropellam velhotes que os calores
Buscam do luzo sol, um sol de apreço!

O caminho de ferro, que assobia,
O paiz por cem lados atravessa;
E' um milagre a tal telegraphia!...

Mas ail Progressos! prégas muita peça!...
E d'antes muita coisa se fazia
Com... — vamos de vagar, que temos pressa.

J. J. D'ARAÚJO.



EXPEDIENTE

A's pessoas a quem enviamos o nosso seminario pedimos a fineza de não inutilizarem as respectivas cintas, onde em caso de reenvio do nome ao recebido, basta escreverem as palavras — Devolvido á redacção —

Se de contrario fizerem nova cintagem, igualmente pedimos não deixem de iadicar-nos os seus nomes e localidades.

Aos nossos assignantes rogamos a fineza de nos desculparem as muitas irregularidades involuntariamente commettidas, attenta a grande affluencia de assignaturas que nos tem chegado de todo o paiz alterando assim a regularidade dos serviços da nossa escripturação.

TUNA POLITICA



OLÉ GRACIOSOS... QUE VIVAN TUS MADRES.



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.
DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA
PUBLICA-SE AS TERÇAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redacção e Administração T. da Boa-Hora, 39, 1.º Composição e Impressão Lithographia Artística, Rua do Almada, 32

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO AVANTADO)
Estrangeiro Anno (52 numeros) . . . 12500 reis Lisboa, provincias e Africa Portugueza Anno (52 numeros) . . . 12500 reis
Brasil Anno (52 numeros) . . . 22500 reis Anno (52 numeros) . . . 12000 reis
Cobrança pelo correio . . . 2100 reis Semestre (26 numeros) . . . 2500 reis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39-1.º



GEMMA BELLINCIONI



Educação

A um rapaz inglez, por exemplo, ensinam-lhe na escola, no collegio, quem é, em que paiz vive e quanto esse paiz representa, em pezo, na balança do mundo politico.

Toda a historia natural, os animaes e as plantas, conhece de creança, mercê de milhares de pequenas bibliothecas infantis que lh'o ensinam, em simples contos, em anedoctas illustradas, em simples romances, adequados á idade. Até aos vinte annos correm-lhe os dias entre exercicios intellectuaes e physicos e d'estes alguns, asperos, difficeis, que dolorisam articulações e musculos. Porque qualquer que seja a educação ministrada nas escolas quaesquer que sejam as theorias de toda a especie de sciencias que um mestre habil possa encaixar na cabeça de um discípulo intelligente, sem o exercicio violento, sem a tortura do corpo pelo esforço physico, sem a educação pela dôr, nenhum homem será verdadeiramente um homem. Sabe toda a gente que a nação ingleza foi feita pelos collegios. Este pequeno arrazoado vem para contar o seguinte curioso caso.



N'uma d'estas manhãs, de volta a Lisboa, o comboio seguia por entré manadas de toiros e cavallos, que a inundaçáo vinha empurrando para junto da linha ferrea, á procura do pasto.

Alli por Villa Franca, um toiro negro retinto, posto no talude, erecto, sem fazer caso de nós, olhava ao largo.

Na carruagem vinham, alem de mim, um medico distincto, que conversava animadamente com uma senhora, gôrda, de buço á antiga portugueza, e um cavalheiro que lia um jornal em frente de um rapaz, dos seus doze annos, especie de collegial que voltava das ferias e olhava com interesse a lezaria.

Quando o comboio afrouxou a marcha, perto do toiro, o rapaz voltou-se para o pae e perguntou:

—O' papá, aquelle boi tem olhos?

E, o pae, como se a pergunta fosse a mais natural d'este mundo, respondeu:

—Tem olhos, tem; tu não vês?

Este menino que aos doze annos não sabe que os toiros tem olhos, que deve andar ahí já pelos latins, é o representante do futuro cidadão portuguez de d'aquí a dez annos, tendo voto, um emprego na Arcada, uma paixão por uma hespanhola, alguns sonetos errados na Secção dos Novos do *Diario Illustrado*, varias doencas secretas e um cão formidavel no Augusto. Que vá ao Direito, que curse e se forme em philosophias, o fundo de educação é o mesmo e com poucas variantes, este sujeito embonecado, vasto, com curvaturas viciosas de espinha, sem forças, sem ideal politico, sem amor pelo seu paiz, tumido de egoismo, cobarde pela sua fraqueza, humilde se pretende, insolente se manda, é o type do portuguez moderno.

Este o homem de estado, este o magistrado, o professor, o militar, o burocrata. Ha excepções, rarissimas? Justificam apenas a regra. E como é esta a camada que manda, que dirige, explica-me que especie de paiz quereis fazer com esta choldra?



Na morte

Noticiam os jornaes a morte do seu amigo o conselheiro X, e sendo sabido de todos que o dito conselheiro foi durante toda a vida um refinadissimo patife, os periodicos só teem para commentar o caso, palavras de elogio, exaltando virtudes e encarecendo prendas. Na propria conversa, entre vivos, tem-se como pouco generoso fallar, em mal, dos que *Deus chamou á sua presença*.

Se alguma coisa ha — para bem ou para mal — que se não deva respeitar é: a memoria dos mortos!

O facto de morrer não pode desculpar a ninguém dos actos que baja committido em vida — se nem Deus, segundo a egreja, os desculpa, porque os julga — e seria até necessario saber-se, que as omissões que uma falsa delicadeza pudesse permittir em vida, seriam completamente abolidas depois da morte.

Se é depois de mortos que se canonizam os santos, porque não será depois da morte que se *canonizam* os pulhas? A idéa certa de uma memoria execranda poderia acobardar um pouco as ruins paixões e ainda os crimes.

O silencio, na morte, é uma falsa piedade invocada pela canalha com salvaguarda pessoal.

Se contamos aos nossos filhos as virtudes dos nossos avós, porque não lhes contaremos as torpezas dos que foram torpes? A educação não se faz senão por contrastes: para que a virtude valha e se lhe perceba o valor é preciso comprehender a inferioridade moral e a miseria do vicio.

Se é dever levantar e espalhar a memoria dos bons, o cuspir sobre a carcassa dos biltres, não será uma justiça prestada aos primeiros? Senão, qual o valor da honestidade? Onde a grandeza do exemplo?

Mas como todos os que morrem são, para os jornaes, os *nossos amigos*, comprehende-se que os deveres da amizade vão além da campa esmagar os da justiça, tanto mais que estes podiam acarretar despeitos, inimizades, perda de assignaturas, et cetera.

Mariolões de toda a casta, morrei em paz: porque a morte entre nós é mais do que benzina é agua benta!



GEMMA BELLINCIONI

Honra-se a *Comedia Portugueza*, publicando o retrato da primorosa artista italiana, que com tanto brilho, cantou n'esta epocha, em S. Carlos, a *Fedora* e a *Tosca*.

Esta homenagem á gentilissima artista representa os nossos bravos e cumprimentos mais sinceros.



Uma das coisas exigidas pelos portuguezes, nos jornaes com que ousam tentar captar-lhes as sympathias e o interesse é que tenham: politica.

A politica é tudo. Todas as manifestações da vida, sciencias, artes, industrias, agricultura; todas as origens do progresso e da riqueza, são para o portuguez de hoje inutilidades a que nem merece a pena consagrar as horas de ocio.

Mas o que elle chama politica, não é a sciencia de governar onde vem incorporar-se todas as manifestações do trabalho humano; não é essa sciencia elevada que arranca de todas as descobertas, de todos os novos conhecimentos, de todas as leis moraes e historicas, de todos os elementos multiplos do estudo da vida, em todas as suas manifestações, o caminhar progressivo d'uma nacionalidade.

Isto para o portuguez é uma maçada!



A politica — essa coisa a que elle chama politica — é a eleição, a camara, a descompostura jornalística.

A eleição: com todas as tranquiernas, roubos, compras de votos, prepotencias e até crimes.

A camara: com a fantochada a trabalhar ás ordens do ministro A ou do ministro B.

O jornal: com todas as intrigas, desmandos, mentiras e venalidades.

Quando um homem é sufficientemente descarado para não recuar ante nenhum escandalo eleitoral desde a compra do voto pelo dinheiro ou pelo emprego, até á imposição do mesmo voto pela força ou pelo accordo e assim consegue que o sigam, na vida fandanga do poder, um rancho de manequins despreziveis, esse homem chama-se em Portugal, um grande politico!

Quando um homem tem a banal faculdade de acorrentar palavras, de expectorar bernardicas n'uma embalagem de termos sonoros, de nunca responder claramente ao que se lhe pergunta, de bater no peito evocando seriedades e honras, de jogar com sentidos ambiguos de palavras e phrazes, de fallar, de fallar, mentindo, inventando, chicanando, esse homem chama-se em Portugal — um grande parlamentar!

Quando um homem tem a coragem de esquecer o seu paiz, de passar uma esponja por cima das suas necessidades materiaes e outra por sobre as suas responsabilidades moraes, e o leva com a sua penna—vil como uma navalha de ponta e móla — ás angustias da fome ou ás su-prémas degradações nos paizes estrangeiros, pela defeza do bando que o subsidia, incondicionalmente, servilmente, sabujamente, este homem chama-se em Portugal, um grande jornalista.

Ora, é a estas tres formas da vida airada portugueza, que o portuguez chama politica, que imagina que é, e que elle quer que lhe dê ao almoço, ao jantar e á ceia. Os politicos são para elle um elemento de distracção. Não, na seriedade dos seus processos, mas no engenho das suas tranquiernas de luca. O ideal é uma sessão da camara bem chinfreina; uma eleição bem roubada; um artigo de jornal bem insolente.

Os politicos são uma especie de actores, a quem elle paga para representar durante o anno a comedia da governação publica. Teem-nos para todos os papeis: os cómicos, os tragicos, os ingenuos e os lórpas, os valentes e os cobardes.

Sabem-se-lhe os nomes e vai-se para a Camara como se vai para o theatro; e, lê-se um jornal como se lê uma farça. De modo que, no fundo, como todos estão convencidos da verdade da comedia que se representa, não ha papel mais indigno e baixo e miseravel do que o d'esses homens, que se alugam — pelas collocações que arranjam — para fazerem de administradores, de legisladores, de politicos. E, então, que os vistam nos jornaes de caricaturas, de salsas, de saloios, de meninas, de patos, de perús, e o publico delira: se ousam pô-los ao socco, a agatanharem-se, a insultarem-se, a multidão endoidece!

Isto é a politica do portuguez d'hoje, estes os politicos.



E' no contar e discutir d'estas farçadas ignobeis, d'estas politiquices revoltantes, que o portuguez passa o tempo e estraga a mioleira.

Passam-lhe ao lado, surgem-lhe na frente, as mais graves questões de interesse social e individual... elle quer lá que resolvam essas coisas! O que elle quer é saber como o galan ataca o tyrano em S. Bento, o que este lhe responde: os apartes do comico: as insolencias que hão-de vir no jornal ditos pelo valente! O que elle quer é a piada, a rica piada, a laracha, o despeito, o insulto! O que elle quer é ver os ralhos das visinhas, a roupa suja toda, alli, ao sol; e as caras enlameadas dos actores em contorsões fingidas de iras e de vinganças! E applaudir:

—Que bem que vai o Fagundes!

—Que graça que tem o Bento!

—E' levado dos diabos o Accacio!

Que o paiz se empenhe dia a dia em milhares de contos, n'uma ancia louca de ruina completa, que as liberdades se risquem uma a uma, rasgando cartas e codigos que lhe importa? Isso será philosophia, sport, linguistica ou veterinaria; mas politica, não.

Esta é, na grande maioria, a altissima concepção philosophica da sciencia de governar, entre nós. Os ultimos homens politicos portuguezes, com ideias, boas ou más, mas ideias; com coragem, com honra muitos d'elles, dormem ha muito o somno da morte. Os que vieram depois, grotescas mascaras dos antecedentes, levaram n'uma correlação forçada, o espirito publico, a entrar na sua mediocridade, nas suas vistas mesquinhas, nos seus processos de tendeiros lórpas e velhacos e na descrença absoluta dos seus fins e intenções.

Sem escolas que façam homens, nos exemplos deprimentes de todos os dias, o portuguez brioso de ha meito seculo ainda, transformou-se pela sua bondade no bonacheirão alvar e egoista, com indolencias de vadio, e ex-fases de maltrapilho.

Quer politica. Está claro.

A' sua ignorancia, á sua fraca elevação intellectual e moral devem aprazer os espectaculos primitivos das luctas dos animaes. Quanto mais comica essa lucta mais será do seu agrado. Quanto mais mesquinha mais da sua comprehensão. E aqui está como um povo de lazzaronis, pode viver feliz, com governos de bebados.

Que lhe preste.



Carroças e principios

O que ha de mais prejudicial, sem duvida, na sociedade portugueza, é, mais do que todos os agudos problemas que a preoccupam, a falta de educação que a caracteriza. Não quero com isto chegar á conclusão pessimista d'um meu amigo que explica o phenomeno, dizendo que somos uma raça dotada de admiraveis dotes de estupidéz. Mas o que não admite contestação é que, na realidade, nós primamos pelo attributo da desorientação geral.

Não quero já entrar nos dómínios do que irreconciliaveis propagandistas de idéas novas denominam severamente os usos e costumes da sociedade velha. Que a essa competisse o privilegio do absurdo, bem estava, visto que outros espiritos, impulsionados de mocidade e de positivismo scientifico, se aprestam a desmauchal-a. Que, por exemplo, como no actual momento historico que o sr. Fuschini, jura ser gravissimo, um governo repete subversivo um documento emanado d'um delegado do governo, como é, posto em foco pela questão do convenio, o relatório do sr. Madeira Pinto, comprehende-se. Não é licito requerer de homens que andam ás aranhas, como são os nossos governantes, em face de questões serias, o indispensavel sangue frio para se manterem nos dómínios da logica. Mas que n'aquelles que precisamente se reclamam da logica do Progresso se observe a revelação do mesmo absurdo, — eis o que já não é licito, se me permitem a applicação d'este termo.

Veem estas considerações a proposito d'uma reunião em que varios oradores, tratando da questão da viação, decidiram recorrer ao Estado a fim de intervir, no sentido de evitar que a tracção electrica fulmine definitivamente os interesses ligados ao systema da tracção animal. O fim d'essa reunião, convocada pelos interessados para a ampla sala da Associação dos Logistas, era natural e justo: pugnar pelos seus interesses. Fallaram, pois, proprietários de carruagens, e representantes de empresas de viação, — e pediram cousas mirabolantes, taes como a intervenção do Estado para obrigar os carros electricos a não serem rapidos ua sua velocidade. Repito: está certo. Ha uma logica pessoal, que nem mesmo se discute: a do interesse proprio. Os reclamantes tinham direito a serem respeitadas no seu conservantismo, isto é, podiam ser rotineiros e sobretudo amigos de si mesmo, como lh'o consentia o proloquio de que a caridade bem tendida por nós começa. Mas outros oradores fallaram alem d'elles, e as suas opiniões tornam-se dignas de especial registo porque se trata de homens cujas convicções socialistas são ha muito conhecidas e apre-
goadas.

Vejam como a desorientação, na phrase consagrada, campela infrene em tudo e por toda a parte! Quem diz socialismo, diz progresso, — e são estes homens de progresso que querem obrigar a electricidade a andar a choulou! Eu não estou aqui atacando os interesses das centenas de empregados, dos milhares de familias que um melhoramento já introduzido nas principaes cidades estrangeiras vae ferir nos seus interesses e nos recursos da sua vida. Mas o que tambem não é possível é subordinar a esses interesses particulares os interesses d'uma população em peso. E são interesses porque se trata de commo-
didade, de rapidez, de conforto, — isso é, aquillo mesmo que os apaixonados reivindicadores de causas sociaes requerem para a Cidade de amanhã. E' o *droit à l'aisance*, de que nos falla o theorico Kropotkine. E contra elle, advogando meios condemnados e ronceiros, eis que nos surgem os mesmos que, em preleções vehementes, condemnam tudo quanto é do Passado e no Passado se pretende estagnar.

De resto, o problema não é o da viação. A viação animal está condemnada. Alem de ser um instrumento de supplicio para pobres animaes, cuja sorte preoccupava tanto o santo Michelet como o problema humano, — é incommoda, é difficil, não corresponde nem ás nossas necessidades nem á instantanea febre do nosso viver. Quando o caminho de ferro chegou, acabaram as mala-postas e as diligencias. Na intensidade vertiginosa do dia de hoje — Nordau o notou, — o homem gasta-se em cada dia, na sua existencia requerida por um sem numero de sollicitações, mais do que se gastava n'um mez ou n'um anno, nas eras transactas. Para tal actividade, indispensavel se torna o concurso de meios que cabalmente a satisficam.

Ha trinta annos, na Lapa, na Graça, dizia-se: *Vou a Lisboa*, como trinta annos antes se fazia testamento antes de partir para o Porto. Hoje, é preciso fazer isto em meia hora ou em meio dia. Como podem pois servir-nos os cavallos chaquentos das diligencias ou as mulas estafadas da *Lusitana*?

Mas o problema é outro, e esse sim, que é grave e sério. Trata-se da manutenção de individuos que, como victimas, são esmagados por uma engrenagem mais aperfeiçoada do machinismo social. Ah! sim! Ah! poderiam os oradores socialistas invocar, com simplicidade e calor, os sagrados direitos da vida! Ha gente sem trabalho, há gente sem pão? Pois bem, reclame-se trabalho e pão para ella. Aonde e como? Em qualquer parte e por qualquer forma. — Mas nunca dando-nos o espectáculo contristador de ver pretendendo salvar carriolas ridiculas puxadas por animalejos tropegos aquelles mesmos que, desdenhando de toda a Civilização, proclamam querer destrull-a para, sobre a terra raza, construirem alguma cousa de superior e de perfeito!

YERMA.



NOS TOUCADORES



— Quanto me davam d'antes por uma trança do meu cabelo ! . .
— Quanto deu V. Ex.^a por elle todo.

GAZETILHA

O ex-capitão Machado,
Que ainda hoje é capitão,
Entrou feroz pela camara,
Como em tanta occasião,

Resolvido, ao que parece,
Bravo, indomavel guerreiro,
A rachar o ministerio,
A arrazar o mundo inteiro!

Ao ver a cara expressiva
Do presidente... o ilheu,
Tossiu de raiva fremente,
E, toda a casa, tremeu!

Tremeram bancos e bustos,
Tremeram paredes frias;
E, as damas, cheias de sustos,
Tremeram, nas galerias!

A palavra e um copo d'agua
Abrindo a bôcca, pediu:
Vieram ambas as coisas
E, o capitão... investiu!

Bumba, aqui; bumba, acolá;
Castanha, estalo, guinada;
Voz trovejante e na phrase
Scintilações d'uma espada.

Golpe, acolá, golpe aqui;
Dá, fere, mata, chacina...
O capitão faz-se Cicero,
O Rodolpho é Catilina.

Feito o terrôr, o Mavorte
Entra na carga final:
E atira o ultimo bote
Pulverisante, fatal!

E, viu-se no ar um corpo,
Ouviu-se um grito de mágua:
Era um cadaver no espaço?
Nada d'isso: um copo d'agua

Voando como a narceja,
A's voltas, em loucos geitos;
E borrifando, á passagem,
As carecas dos eleitos.

E, riram bancos e bustos,
Paredes quentes e frias,
E, as damas, livres dos sustos,
Que estavam nas galerias.

Dizia o copo lá dentro
A tremer junto do pote:
Ao servente que o enchia:
Veja Vossa Senhoria
Se toda lá está D. Quichotel!

N. T.



Cita a *Provincia* do Porto, uns trechos nossos do terceiro numero, querendo concluir que nos oppômos á erecção d'uma estatua a Garrett, no Porto.

E, com certo despeito:

«Resolve um dia a *Sociedade de Instrucção*, aggremação prestante da cidade do Porto, onde o illustre principe nasceu, procurar erigir-lhe um monumento, e logo a capital se agitou, e associações varias reuniram alli, reclamando que o monumento fosse em Lisboa ou... em Sagres!»

Não, caro collega não, pelo menos por nós.

Não nos reunimos a ninguém: noticiámos apenas o que se tinha passado, sem nos passar pela ideia de que as nossas palavras podessem significar qualquer má vontade contra o desejo da cidade do Porto. Nem podia ser porque entendemos que se alguma cidade tem direito de possuir, primacialmente, a estatua do poeta, é a cidade onde elle nasceu.

Como entendemos que todo o paiz e todas as cidades, podem prestar ao grande dramaturgo as honras que a sua admiração e o seu amor lhes suggerirem. Isto não prejudicará, decerto, a realisação dos bons desejos da cidade do Porto, em prol dos quaes o seu justo orgulho, nos parece ter requintes de exagerado melindre.

Porque não hão-de ter, o Porto a estatua do filho glorioso, os Jeronymos o seu corpo, o paiz a sua obra popularisada? Que mal ha em que uma associação com o seu nome venha proteger as lettras? Pois tudo isto não pode conciliar-se, existir, simultaneamente?

Não vemos onde esteja o inconveniente ou o mal.

Seja como fór, o que garantimos é que da nossa parte não houve sequer a ideia de hostilizar a commissão portuense a quem offerecemos, como arras, todo o nosso valor e poder se os julgarem aproveitaveis para o seu fim.



Do Sr. Anselmo de Andrade, no seu novo livro — *Portugal Economico*.

A acção combinada das tendencias para gastar o dinheiro do thesouro como cousa alheia, e da necessidade de cada um melhorar a sua condição social, n'um meio onde principalmente se educam as gerações para o funcionalismo, levou naturalmente a estes resultados. Dois sentimentos contrarios estão actuando fortemente no espirito publico. De um lado a inveja, que engrandece a importancia dos objectos invejados, e do outro lado a admiração dos suppostos favorecidos da sorte. Com outra educação, e n'um solido meio de moralidade, tudo isso serviria antes de estímulo. Assim, não passa de inveja. Todos os meios servem. O sentimento do dever acaba por ceder diante do exemplo dos que medram, seja por que meio fór, e que, tendo nos governos mais favor e acceitação do que os outros, tem na sociedade tanta consideração como os mais austeros. A corrupção politica exemplifica a corrupção social. A preferencia dada aos corruptos na distribuição das graças, e a egualdade dos honestos e dos que o não são perante a consideração publica, são causas de uma anarchisação de costumes, que se traduz n'uma sensível diminuição de senso moral, onde se encontra explicação para o estado das nossas finanças, da nossa economia e dos nossos costumes».

Palavras d'um ex-ministro que parecem escriptas para a «Comedia Portugueza».

Agradecemos.

N'um congresso anthropologico de Hamburgo, assenta-se como indispensavel e pede-se que de todos os criminosos se indaguem, com o maior cuidado os antecedentes. Espanta-se e enche-se de terror o correspondente que noticia tal facto, porque antevê uma coacção no exercicio da Justiça.

Qual justiça? a dos tribunaes, em que depõe o policia numero tantos, e é juiz de facto o Manuel Nunes, dono do café de *camareras*, alli, do lado?

D'uns sopapos trocados, d'uma cabeça partida, d'uma facada entre fumos alcoolicos, inda se comprehende que possam ter opinião, e que possam criticar, as cabeças rombas dos cidadãos supracitados: mas fazer intervir no julgamento d'esses crimes modernos, cheios de sombras de contradicções, de inverosimilhanças, de problemas psychicos, a comprehensão obtusa d'um policia depondo, ou a decisão esmagadora d'um Manuel Nunes das *camareras*, lá nos parece que tal julgamento tem os seus ares de opera comica, á superficie, e um desfecho de tragedia, no fundo.



Naturalmente todos os homens operam pelo seu cerebro: o que é logico, portanto, é saber o estado d'esse cerebro, para d'ahi derivar o valor ou o demerito da acção, a responsabilidade ou a irresponsabilidade de quem a pratica.

Como, até hoje, não consta que nas escolas de Direito se tenha aberto um curso de pathologia, como se mandam as botas para o sapateiro e as rabonas para o alfayate, é natural encarregar os medicos de examinarem as cabeças d'aquelles, que pelos seus actos, parecem necessitar de concerto.

Custa a acreditar, a um espirito pouco culto que haja tanto maduro no mundo; mas ha muito mais do que toda a gente imagina; e, para não causar espanto a estatística basta pensar, correlativamente, no numero que ha de bestas! E não parece!



A arte de saber valorisar qualidades mediocres, faz, muitas vezes, criar mais reputação do que o verdadeiro merito.

Ha crimes que se tornam innocentes e mesmo gloriosos pelo seu brilho, numero e excessos: assim roubos publicos são habilidades: tomar provincias, injustamente, chama-se fazer conquistas.

Todos nós temos a força mais do que precisa para supportar os males... dos outros.

L. R.

Hontem desembarcou em Lisboa, um camello que foi oferecido ao Jardim Zoologico, com a permissão do sultão de Marrocos.

Como nunca se visse um camello em Lisboa, centenas de pessoas acompanhavam o pachiderme á sua nova casa.

— Mas que interesse é este, que recepção?

— Meu amigo, é a voz do sangue.



EXPEDIENTE

Aos nossos ex.^{mos} assignantes que não desejem façamos pelo correio a cobrança das suas assignaturas, rogamos a fineza de nos enviarem a importancia das mesmas assignaturas em carta registada, ou em vale.

A's pessoas a quem temos enviado a *Comedia Portuguesa* que não queiram honrar-nos com a sua assignatura, pedimos a fineza de escrever na propria cinta. — Devolvido á redacção ou quando tenham de fazer nova cinta — escrever o nome e a terra.

A administração.



Centro de Publicações

DE
Arnaldo Seares

PORTO

Distribuição e venda permanente de todos os torques de Lisboa. Das 10 horas da manhã ás 10 da noite na casa do largo do Carmo, 60. Das 10 da noite ás 10 da manhã na casa da rua do Azevedo, 54.



Dinheiro para o Sr. Pedro



Encontrei certo leigo franciscano,
Ao hombro um sacco rôto e uma panella,
A pedir, sem ter chapa, todo o anno:
.....
Eu, se o torno a encontrar, dou-lhe com ella.